

A AGRICULTURA ENTRE OS KARAJÁ DE ARUANÃ

MEDRADO, Joannes de Souza
Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia
Gwatá – Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo
Universidade Estadual de Goiás/Unidade de Goiás
joannessouza@hotmail.com

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de
Professor do Curso de Licenciatura em Geografia
Gwatá – Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo
Universidade Estadual de Goiás/Unidade de Goiás
murilosouza@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A agricultura e a pecuária são atividades desenvolvidas a milhares de anos. Há mais de 10 mil anos o homem iniciou um gradativo processo de domesticação de plantas e animais, transformando o ambiente natural em ecossistemas artificializados. A ocupação do espaço representada pela agropecuária passou, historicamente, por transformações intensas, que impactaram em diferentes amplitudes as relações humanas e o meio ambiente. Por outro lado, as práticas indígenas de fazer agricultura, equivocadamente consideradas atrasadas e lesivas ao meio ambiente, foram gradativamente sendo “enterradas”.

No estado de Goiás, em função de avanço histórico do agronegócio, os territórios indígenas têm sido impactados em diferentes amplitudes. Os povos Karajá territorializados no Vale do Rio Araguaia, especificamente, tem visto seus conhecimentos desaparecer, especialmente, aqueles relacionados à convivência com a natureza e as práticas culturais aplicadas na agricultura e extrativismo.

Considerando o contexto da territorialização atual dos Karajá de Aruanã, temos como objetivo neste texto compreender as práticas ligadas à agricultura ainda

Anais da Semana de Integração Acadêmica

02 a 06 de setembro de 2013

utilizadas e aquelas que foram perdidas e/ou abandonadas por estes povos. Para isto, trabalhamos com entrevista não estruturada com Cacique da Aldeia KarajáBuridina, situada às margens do rio Araguaia, no município de Aruanã, no estado de Goiás. As informações acessadas, ainda iniciais, foram organizadas para apresentação no presente texto. Esperamos, a partir desta reflexão promover um diálogo sobre as práticas agrícolas tradicionais do povo Karajá e as possíveis contribuições de tais conhecimentos para a construção de uma matriz agroecológica de agricultura, ambientalmente mais sustentável.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estado de Goiás, em função de avanço histórico do agronegócio, os territórios indígenas têm sido impactados em diferentes amplitudes. Os povos Karajá, especificamente, territorializados no Vale do Rio Araguaia, tem visto seus conhecimentos recorrentemente erodidos, especialmente, aqueles relacionados à convivência com a natureza e as práticas culturais aplicadas na agricultura e extrativismo. O significado da relação com o ambiente natural, para os povos Karajá é muito importante, como ressalta Lima (2010, p. 87): “[...] o vínculo com o território tem origem no mito de origem que os apresenta como “o povo do fundo do rio” que se constitui, portanto, o útero fértil de onde se originaram todos os karajá. É o território da origem, do nascimento e do sentido da vida indígena”. Portanto, em primeiro lugar, há um sentido simbólico ligado ao território Karajá que precisa ser entendido e preservado. Nesse contexto, estão inseridas as práticas agrícolas e extrativistas que, em larga proporção, têm sido deixadas de lado pelos Karajá de Aruanã nas últimas décadas.

Na maioria das aldeias as famílias têm, ainda hoje, o costume de acampar nos melhores pontos de pesca de peixes e de tartarugas, onde, no

passado, faziam aldeias temporárias, inclusive com a realização de festas, na época da estiagem no Araguaia. [...] Os Karajá de Aruanã abandonaram essa prática já que se fixaram numa aldeia construída em barranco alto, a salvo das enchentes. Todavia, no lado mato-grossense do Rio Araguaia, ainda fazem roças familiares no tempo dos baixios da água do rio. (LIMA FILHO, 2006, p. 136).

Existem sentidos materiais e simbólicos ligados ao território Karajá que precisam ser entendidos, preservados e reproduzidos. Pois neste contexto estão inseridas as práticas agrícolas e extrativistas que têm sido deixadas de lado pelos Karajá de Aruanã. No estado de Goiás estão situadas duas reservas Karajá. Uma localiza-se na margem do rio Araguaia (Aldeia Buridina) e outra (Aldeia Aricá) localiza-se na área rural, ao norte da cidade de Aruanã-GO. Nesta proposta trabalhamos apenas com a aldeia Buridina, onde moram aproximadamente 210 pessoas, compondo 40 famílias. Como dito, o presente trabalho foi pautado em diálogo realizado com Cacique da aldeia Buridina, no sentido de buscar reflexões sobre o desaparecimento de práticas importantes para a sobrevivência deste povo.

Em pesquisa de campo, com utilização de técnicas de entrevistas não estruturadas, realizadas com o Cacique da reserva urbana dos Karajá, em Aruanã, foi possível observar que a agricultura é vista como “*parte deles*” e não só como forma de produzir alimentos. É possível perceber, também, que a relação estabelecida pelos Karajá com a natureza é muito mais ampla do que aquela que nossa sociedade (“moderna”) tem construído. A *terra*, como dito pelo Cacique da Aldeia Buridina, não é somente um substrato para a produção. Tudo o que eles tiram dela, para plantar alimentos, eles replantam, pois tudo o que está sobre a terra também tem vida. “Nós não temos o direito de cortar uma árvore ou qualquer planta, se não puder repor o que destruímos” (Cacique, Reserva KarajáBuridina, Aruanã-GO, outubro de 2013).

“[...] a tradição karajá, baseada na atividade da caça, na pesca e no extrativismo, com a única finalidade da reprodução da vida, hoje está limitada. O início dessa limitação e do confinamento territorial pode ser delimitado com a criação, em 1958, do município de Aruanã e se estendeu a partir de 1970 com a incrementação da pecuária extensiva em todo o noroeste goiano, ressignificando o valor fundiário e a significação das terras do Vale do Araguaia”. (CHAVEIRO, 2010, p. 76).

Com entrevista com o cacique da aldeia de aruanã, a aldeia no passada, ou seja, na geração dele sempre teve roça em dois locais, uma era na aria 2 que é o mato grosso que eles utilizava para cultivar seus próprios alimentos que era a mandioca, o arroz, feijão, abobora, batata doce e até mesmo a cana que era utilizada para fazer a garapa e, a outro aria era a 3 que é o arica que eles utilizava para plantio e também para extração de matéria prima para artesanato, recentemente conquistada na justiça. O cacique também relata que no passado os povos Karajas utilizava a natureza para suas própria sobrevivência. Segundo o cacique na fala do avo “somos nos que precisamos da natureza e não a natureza que precisa de nos” e é por isso que temos que preserva-la. E Que nos dias de hoje ele vê não só no homem branco mas também no povo karaja essa preocupação deixada de lado e a cultura do povo karaja sendo enterrada por causa da infiltração do homem não índio, ou seja, o homem branco dentro da cultura deles. Com essa interferência do homem branco ele fala que desestruturou a cultura por causa da doença desconhecida que eles trouxeram para dentro da aldeia.

Revista Ateliê Geográfico – Goiânia-GO v 4, n 1 fev. 2010 – p. 64-83.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a fala do caciqueo senhor Raul Hawakatia aldeia de aruana, desde ano de 1968, segundo pesquisadores já existia a aldeia karaja de aruanã que o território inteiro de aruanã era todo dos povos karaja, e que a aldeia de aruana já chegou a ter mil karaja morando nela sendo a maior do vale do Araguaia. Segundo o cacique o avô dele falava que os karajas tinham como território envolta da aldeia 150 km, ou seja, obtendo aruanã como ponto central. E com a chegada do homem branco o índio não era mais livre para perambular pela mata fora para poder caçar e pescar, que o homem branco delimitava a aquela terra que era deles e tomava posse dela e com isso eles não tinham mais liberdade para plantar e caçar o seu alimento para sua sobrevivência. Portanto pode perceber na fala do cacique que a interferência do homem branco na cultura deles mudou muito até mesmo no pensamento da nova geração deles e que o intuito desse trabalho e também tentar resgatar e relacionar a cultura deles na atual realidade desse povo que deixou uma tradição enterrada no passado por vários motivos, um é a interferência do homem branco e outro é a FUNAI que coordena suas ações a ser tomada.

REFERÊNCIAS

- LIMA FILHO, M. F. Karajá de Aruanã. In: MOURA, M. C. O. (org.) **Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural**. Goiânia: Editora da UCG, 2006. p. 135-152.
- MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.